

DA POLARIDADE *BIOS-CULTURAL* À REDE DE SENTIDOS – OUTROS CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Sérgio Oliveira Santos

Centro de Capacitação de Profissionais
da Educação (CECAPE - SCSul)
sergio_oliveirasantos@hotmail.com

Envio original: 28-02-2020. Aceitar: 03-03-2020. Publicado: 01-06-2020.

Resumo

O ensaio aponta um possível caminho para dialogar com a polaridade entre o campo biodinâmico e o universo cultural nos estudos sobre o movimento humano e a área de Educação Física. Sem desconsiderar a importância desse debate, e partindo do pressuposto que essa temática já está superada pelo paradigma da motricidade humana, o texto reforça o convite para ampliar a compreensão da condição de *ser-motricio* e o desvelamento da rede de sentidos em que se encontra imerso. Ao propor esse horizonte compreensivo, defende-se a tese de que há muito mais beleza na motricidade do que está sendo possível observar, permitindo sugerir outros referenciais para a práxis educativa.

Palavras-chave: Motricidade - Rede de sentidos - *Ser-motricio* - Educação Física.

De la polaridad *bios-cultural* a la red sentidos – otros posibles caminos para la Educación Física

Resumen

El ensayo señala una posible forma de diálogo con la polaridad entre el campo biodinámico y el universo cultural en los estudios sobre el movimiento humano y el área de Educación Física. Sin ignorar la importancia de este debate, y suponiendo que este tema ya está superado por el paradigma de la motricidad humana, el texto refuerza la invitación a ampliar la comprensión de la condición de *ser-motricio* y la revelación de la red de significados en los que está inmerso. Al proponer este horizonte de entendimiento, se defiende la tesis de que hay mucha más belleza en las habilidades motoras de lo que es posible observar, lo que permite sugerir otras referencias para la praxis educativa.

Palabras clave: Motricidad - Red de sentidos - *Ser-motricio* - Educación Física.

From bios-cultural polarity to the sense network – other possible ways for Physical Education

Abstract

The essay points to a possible form of dialogue with the polarity between the biodynamic field and the cultural universe in studies on the human movement and the area of Physical Education. Without ignoring the importance of this debate, and assuming that this issue is already surpassed by the paradigm of human motricity, the text reinforces the invitation to broaden the understanding of the condition of *ser-motricio* and the revelation of the network of meanings in the that is immersed. By proposing this horizon of understanding, the thesis is defended that there is much more beauty in motor skills than is possible to observe, which suggests other references for educational praxis.

Keywords: Motricity - Network of meanings - *Ser-motricio* - Physical Education.

Principiando

Como ponto de partida, apresentarei uma defesa ao mundo da motricidade, especialmente aquela que pulsa nos espaços educativos formais e informais, territórios e tempos de encantamentos e realizações. Estou me referindo a um fenômeno maravilhoso, engrandecedor, complexo e inigualável, vivido por seres únicos em situações singulares e evanescentes, onde a corporeidade é um estado de síntese de muitos saberes entrelaçados com o mundo. Dimensão em que todos nós estamos imersos, não por que elegemos estar, mas porque somos humanos, somos motrícios.

No entanto, temos percebido essa magnificência¹ que é o movimento humano? Ou será que, pelo viés exclusivo das narrativas e dos dados empíricos subdividimos por várias perspectivas de entendimento, estamos perdendo a festa da pulsão da vida que dele emerge?

Além de dialogar com o fascinante mundo das práticas corporais e todo o encantamento que as manifestações da motricidade nos permitem vivenciar e existir, vou trabalhar com a condição paradoxal que deixa velada nossa possibilidade de entendimento claro e profundo sobre essa magnificência, e que não nos permite desvelar o encanto e o fascínio dessa mesma dimensão.

O que desejo com esse ponto de reflexão inicial, é apresentar elementos que possibilitem ampliar os horizontes sobre a motricidade, nem tanto para solucionar as problemáticas que serão anunciadas, mas promover estados provocativos que possam subsidiar outros entendimentos e interpretações que, de algum modo, nos direcione para a condição de apreciadores da motricidade humana.

Arrisco em afirmar que, diante das novas relações dos humanos com o tempo, com o espaço, com a corporeidade, com a subjetividade, com a intencionalidade, com o mundo do trabalho e da própria vida, no diálogo com as tecnociências e as complexas reestruturas sócio-políticas atuais, compreender com profundidade o fenômeno da motricidade será um imperativo emergente para a humanidade. Quem sabe esse cenário não venha a ser um horizonte promissor para a participação ativa dos profissionais de Educação Física.

Problematizando

Não vejo horizonte promissor para o mundo conceitual da Educação Física se seguir relutando em compreender o fenômeno da motricidade desde sua raiz, ou seja, desde sua essência. Para isso é necessário deslocar as interpretações de lugar e apresentar alguns contrapontos compreensivos.

¹ Magnificência é um conceito distinto de eficiência ou *performance*. Diz respeito ao que é grandioso, generoso, magnífico, esplendoroso. É uma condição própria da percepção humana e não de inteligência artificiais, por exemplo. Eficiência é para o mundo das realidades objetivas, para o mundo das coisas, essa sim capaz de ser monitorada por sistemas algoritmos. A motricidade, porque é humana, invoca o ser para a busca de plenitude, excelência e magnificência.

Vamos partir da problemática que inspira o dossiê – Relações entre o biológico e o cultural do campo da Educação Física - ou seja, os desdobramentos da polarização entre as explicações biodinâmicas e as compreensões culturais da motricidade. Considero este tema relevante, devendo ser debatido com o rigor metodológico que lhe cabe. Contribuo com o debate apresentando as seguintes questões: De onde surge a percepção ou entendimento que, na essência radical da vida dos humanos e suas motricidades, há mesmo uma ruptura entre as dimensões biodinâmicas e culturais?

Aproveitando o rigor da questão acima, sigo problematizando: Como podemos desenvolver um trabalho coerente nas orientações conceituais da área da Educação Física se, por exemplo, sua indicação na quase totalidade das universidades esta em situá-la no campo da saúde² e, concomitantemente com essa delimitação da área, em especial na formação do bacharel, os dois últimos principais documentos da Educação Brasileira, portanto imprescindíveis na formação do licenciado, respectivamente os PCNs e a BNCC a classificam no campo da linguagem? Por acaso os cursos de graduação em Educação Física têm disciplinas específicas para tratar do fenômeno da linguagem? E se o fizer, será a partir de que campo epistemológico: Da linguística? Da semiótica? Da antropologia? Da ontologia? Da neurociência?

Contamos com a perspectiva de compreensão da área pela cultura corporal do movimento, o que responde a uma importantíssima dimensão humana que é a cultura, mas, sabemos como é complexo o diálogo entre os paradigmas da ordem biodinâmica e da ordem cultural, uma realidade que se configura muito mais por disputas de narrativas e explicações do que a vida motrícia efetivamente é.

Mas o problema é mais profundo: por acaso o ser humano que interage nas academias, clubes e escolas são distintos do ponto de vista da sua condição humana no que diz respeito ao modo de *ser-motricio* (Santos, 2017, 2018)? Colocando a pergunta de outro modo: por acaso não há um ser biodinâmico na escola? Ou não há um ser cultural e linguístico nas academias? Essas fragmentações são mesmo representativas do mundo da vida?

Imaginemos, por exemplo, se tivéssemos que falar da Educação Física sem recorrer a nenhum objeto ou fenômeno de estudo de nenhuma outra ciência, ou seja, sem recorrer como conhecimento de base epistemológica, a fisiologia, a anatomia, ou a cinesiologia, ou então da sociologia, da psicologia, da pedagogia, etc. O que nos caberia? Como compreender e desvelar a Educação Física por ela mesma a partir de seus princípios epistemológicos? Em torno de que fenômeno deveríamos nos deter?

Observe que não estou perguntando sobre as explicações do fenômeno “Educação Física”, pois, pelo diálogo interdisciplinar, isso já é feito por diversas outras ciências, suas tendências e determinações. Pergunto sobre o fenômeno mesmo, sem espessuras, portanto:

² Veja por exemplo a revista do CONFEF, Ano XXI, nº 66, 2017, cujo subtítulo de capa é: “Mercado promissor: profissionais de Educação Física se afirmam na área da saúde”.

- ✓ O que observamos diante dos fenômenos motrícios?
- ✓ Qual é o fenômeno de estudo da Educação Física?
- ✓ Qual é a essência da Educação Física sem a adoção da explicação teleológica?
- ✓ Quais são as essências do que fazemos? Qual é a essência humana do mover-se no mundo?
- ✓ Estamos preparados para compreender qual encantadora é a motricidade?
- ✓ Mas afinal, o que é a motricidade humana?

Tenho a percepção clara que estas perguntas provocam uma sensação de esvaziamento conceitual fortíssimo. E é daí que resulta a crise, que não é apenas da polaridade entre dimensão biodinâmica e cultural, mas de fragilidade epistemológica histórica, que, pra ser superada, exigiu e segue exigindo as mais diversas tentativas de apresentar explicações razoáveis para um fenômeno de complexidade espantosa e de difícil acesso compreensivo.

Não quero com isso negar toda a vasta contribuição das outras áreas do conhecimento, muito menos desconsiderar a grande importância das relações interdisciplinares. Apenas desejo ressaltar que para que haja mesmo um diálogo interdisciplinar é fundamental possuir uma identidade epistemológica. Será que avançaremos se seguirmos assentados nos reducionismos compreensivos e explicativos importados de outros prismas epistemológicos? Quando vamos nos dispor a encontrar a raiz, o solo primário e as essências do que fazemos em nosso trabalho?

E se pensarmos na realidade dos professores (aqui me incluo). Como configurar uma identidade profissional sendo frágil epistemologicamente a delimitação de seu campo de atuação. Por exemplo, há os que se definem como “educadores físicos”. Mas será isso possível? De que “físico” estamos falando? O mundo físico, da matéria ... é isso? Da física clássica? Aquela dos deslocamentos de um corpo material no espaço/tempo euclidiano? Seriam educáveis? Fosse assim, tudo que pertencesse ao mundo físico, de realidade objetiva, seria educável!

Seria mais coerente se o termo de identificação profissional fosse “educadores biodinâmicos”? Mas, sistemas biodinâmicos são educáveis ou condicionáveis, reagentes ou criadores/transformadores? Cabe o sentido da ação tão só num sistema biodinâmico?

Quem sabe, a nomenclatura adequada seria “educadores culturais do movimento”? De certo modo, cultura e educação são dimensões entrelaçadas e só existem por que somos seres de linguagem, nesse caso voltamos ao problema da formação nas universidades que privilegiam a dimensão *bios*. E não

só isso, sabemos que a totalidade daquilo que o corpo percebe do mundo não é traduzido pelas linguagens. Haverá sempre um “lugar” que as linguagens não chegam.

Vejam também que o sistema CREF/CONFED adota o conceito de “profissionais da Educação Física”, mas, não seriam professores...? Ou não? Professor já não é uma profissão? Como professores educamos ... mas, efetivamente o que?

Mas não quero apenas apontar incoerências e dificuldades de identidade e, apesar dessas problemáticas - como contraponto - sigo afirmando que:

Há muito mais beleza na motricidade do que está sendo possível enxergar. Assim como há muito mais a ser entendido, interpretado e apreciado além do que estamos sendo capazes de compreender, uma vez que não partimos da raiz do fenômeno e sim nos guiamos através das espessuras explicadas e narradas por outros campos do conhecimento.

Assim, esse ensaio pretende contribuir para:

- Ampliar nossas possibilidades de entendimento e interpretação do fenômeno da motricidade;
- Ampliar nossa capacidade de atribuir sentido ao que fazemos como profissionais dessa área;
- Ampliar os horizontes valorativos para os trabalhos educativos;
- Apreciarmos em plenitude a motricidade humana a partir do fenômeno do *ser-motricio* e da rede de sentidos em que habita.

Problemáticas e objetivos apresentados, temos pela frente um desafio, elege caminhos coerentes para tratar dessa complexidade.

Elegendo caminhos

Diante de tantas abordagens distintas sobre a Educação Física - ou sobre movimento humano - o que, no meu entendimento, dá sustentação a tese de que a motricidade, as teorias do movimento humano ou a própria Educação Física precisam ser tratadas como um problema fenomenológico/hermenêutico. Por um lado faz-se necessário atravessar as espessuras que as condicionam para encontrarmos o que consolida sua essência, daí o enfoque fenomenológico, por outro lado está presente a necessidade de interpretar as diversas concepções e abordagens, seus dados e narrativas, nesses casos acionando a hermenêutica, para desvelar aquilo que é autenticamente humano no seu modo de *ser-motricio*.

Tenho a percepção que há uma série de insuficiências, desde o ponto de vista terminológico. Seria, por exemplo, o termo “Educação Física” produto do “Erro de Descartes” (1596-1650) anunciado por Antônio Damásio³? Estaria a Educação Física ainda presa a uma gênese do *res cogitans* e do *res extensa*⁴? Seria ainda o paradigma do corpo como simples objeto, como “coisa física” anunciado por Versálius em *De corporis humani fabrica* (1543) e que, em 1565, Mercurialius publicaria a *De arte gymnastica*, de estrutura racionalista? Estaria a Educação Física⁵ ainda entregue a essas compreensões?

Entre tantas outras fontes que poderiam ser anunciadas para estabelecermos referências e situar a trajetória da Educação Física na história da humanidade, as questões centrais são: onde a Educação Física se situa na atualidade? Como avançamos diante da sua problemática epistemológica? Como formar seus profissionais/professores?

A grande maioria das questões apontadas já foi profundamente estudada pelo filósofo português Manuel Sérgio ao propor a CMH (Ciência da Motricidade Humana) e a delimitação de um novo paradigma para a Educação Física. Em sua vasta obra fica evidente que a fragmentação *bios-cultura* é um equívoco compreensivo. Vários autores já se dedicaram a estudar a obra de Manuel Sérgio, apresentando resultados esclarecedores e, em certos termos, avançando para além daquilo que sua obra contempla. Entre esses autores temos, numa primeira etapa a Dra. Anna Feitosa, o Dr. Ubirajara Oro, o Dr. João Batista Tojal. Numa Segunda ordem, em especial com a formação da Sociedade Internacional de Motricidade Humana (SIMH) e a Rede Internacional de Investigadores em Motricidade Humana (RIIMH)⁶ surgem Dra. Eugenia Trigo, Dr. Sérgio Toro, Dr. Karol Kolyniak, Dra. Ana Maria Pereira, Dra. Sheila Silva, Dra. Marta Genu, Dr. José María Paços Couto, Dra. Helena Gil, Dra. Rosa Prista, Dra. Katia Mortari, entre outros.

Isso mostra que já há muitos pesquisadores que dedicaram seus estudos para superar em definitivo o pressuposto de que há uma polaridade entre a dimensão *bios* e a cultura. Não vejo necessidade de repeti-los. O que considero relevante é que o foco de estudo passa a ser a motricidade como condição humana. Penso que é a partir daí que precisamos atuar.

³ Cf. DAMÁSIO, A. R. (1996). **O erro de descartes**: emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia da Letras.

⁴ Esses termos representam a base da antropologia cartesiana baseada na polaridade entre o corpo (*res extensa*), ou seja, coisa a ser manipulada pela razão e a mente ou coisa pensante (*res cogitans*). Vale lembrar que essa base antropológica foi questionada epistemologicamente por Merleau Ponty, em especial na sua obra “fenomenologia da percepção”. MERLEAU PONTY, M. (2011). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.

⁵ O termo Educação Física e o dualismo antropológico que dá sustentação ao seu surgimento além do corte epistemológico da Educação Física à Motricidade Humana podem ser observados com detalhes na tese de Ana Maria Pereira. PEREIRA, A.M. (2016). **Motricidade Humana**: a complexidade e a práxis educativa. Tese de doutorado em Ciências do Desporto. Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal.

⁶ Parte do legado de Manuel Sérgio e os autores que dão continuidade a sua obra pode ser encontrado no livro: TRIGO, E. (coord.) (2015). **Pensar y transformar**: un legado de Manuel Sérgio. España – Colombia: Instituto Internacional del Saber – Léeme 18. Sugerimos também a obra: TORO, S.; TRIGO, E.; GENU, M.; SÉRGIO, M. (2014). **Motricidad humana**: una mirada retrospectiva. España – Colombia: Instituto Internacional del Saber – Léeme 2.

A metodologia que proponho é a relação indissociável vida-motricidade-mundo, pela complexidade da vida, mais especificamente de sua condição existencial, ou seja, do seu modo de *ser-motricio*. Essa opção metodológica visa romper com as barreiras impostas pelas explicações de outras áreas e encontrar as essências do agir humano, as essências de sua motricidade e sua magnificência, partindo do pressuposto que é, exatamente nesse âmbito, que os profissionais de Educação Física atuam.

É esse o convite que faço aos(às) caríssimos(as) leitores(as). Procurem acessar as diversas pesquisas sobre motricidade humana que os autores citados acima produziram.

Por hora fiquem por aqui e participem das reflexões e análises que apresentarei. Sintam-se convidados para juntos revelarmos as essências daquilo que fazemos em nossa atividade profissional.

A condição vida-motricidade-mundo: nosso *ser-motricio* revelado

A proposta que apresento não é aprofundar a compreensão da Educação Física e suas vertentes, desdobramentos e/ou rupturas, mas deslocar o foco do campo de conhecimento da área para o ser que se move, partindo da pergunta: como posso propor a educação de um ser sem ao menos compreender profundamente as essências que o fazem mover-se no mundo?

Vou apresentar resumidamente a condição humana de *ser-motricio*:

Ser-motricio: condição biodinâmica desdobrada em campos de valor, relação e sentido. Não se trata de um conceito, não é uma escolha, é um estado ontológico, ou seja, que é inerente à condição humana, independente da cultura, mas fortemente modulada por ela. *Ser-motricio* é uma forma de conduzir a identidade móvel pelo mundo, seja singular ou coletiva. Nessa condição está indissolúvel a dimensão *bios-cultura*, pela força mediadora da linguagem. Assim como está indissolúvel a relação ser-mundo, pela força mediadora da motricidade.

Isso pode soar complicado, mas não é. Basta perceber a si mesmo nas relações que estabelece na vida e vais perceber que nos movemos numa rede. Essa rede é formada pelos componentes biodinâmicos e energéticos próprios de um corpo que percebe o mundo com múltiplos sentidos sensíveis (tato, olfato, visão, audição, paladar, propriocepção, cinestesia). Aos estratos sensíveis do corpo que vive a realidade objetiva interpõe-se outra rede de sentidos próprios de um ser de linguagem, abrindo-se ao mundo da subjetividade, da imaginação e da transfiguração das realidades.

De forma simplificada, como humanos, o que nos faz mover é o sentido, ou melhor, uma *rede de sentidos*. Essa rede, própria do modo de se-mover humano, é o que o diferencia - de forma abismal - de qualquer tipo de “inteligência” artificial estruturada por rede de computadores e algoritmos de programação.

A complexidade da configuração de sentidos da condição humana corpórea faz com que a fonte de sentido, e as possibilidades de significação das vivências, sejam muito distintas daquelas que regem as estruturas dos sistemas algorítmicos. O corpo sensível aciona sentidos de forma mais profunda do que qualquer tipo de linguagem computacional é capaz. Esses sentidos, pelo princípio da nossa forma de instalação no mundo, são multidirecionais (SANTOS, 2020: 8).

Mas o que é rede de sentidos? É um complexo entrelaçamento de intencionalidades que fluem na motricidade. O que desejo destacar é que *ser-motricio* é uma condição humana que cria e habita uma rede de sentidos. Vivemos no mundo de sentidos, mundo esse que vai desde a materialidade da vida até as diversas possibilidades narrativas das linguagens. Se não compreendermos as redes de sentidos, não teremos acesso à grandiosa presença do mover humano.

Vejamos como a rede de sentido é formada:

- Sentido sensível – órgãos sensoriais – corpo sensor.
- Sentido direcional – direção, caminho, via.
- Sentido semântico – Significado – Sentido linguístico – Múltiplas linguagens.
- Sentido situacional – Noção de espaço/temporalidade
- Sentido das realidades - Objetiva, subjetiva, intersubjetiva, transcendente.
- Sentido existencial – Percepção da própria existência. Noção de si mesmo. Noção de identidade e pertencimento.
- Sentido emoção – Sentimentos de ordem pré-reflexiva.
- Sentido axiológico – Campo valorativo.

Para auxiliar na compreensão da rede de sentido segue abaixo um quadro síntese que procura traduzir um caminho do sentido, que vai desde a materialidade de dimensão física, passando pelas nuances de sentido sensível e chegando até os desdobramentos semânticos próprios de um ser de linguagens.

Quadro síntese – A materialidade, o sentido sensível e o sentido linguístico.
O caminho do sentido *do ser-motricio*.

	Corpo	Condição estruturante	Condição existencial	Dinâmica Modo de agir
	Corpo Físico	Matéria/ energia	Partícula, onda, energia. Estudos em física quântica.	Dinâmicas de movimentação subatômicas. Não tem mundo!
SENTIDO SENSÍVEL	Corpo Sensor. Sensação. Corpo intencional não reflexivo.	Matéria viva/ <i>Bios</i> Realidade biodinâmica de 1ª ordem. Reações	Partícula, onda, energia. Célula. Dimensão do mundo vivo. Dimensão do sensível. Mundo percebido por órgãos sensores.	Dinâmica colaborativa de interação <i>co</i> -implicada ao mundo vivo. Auto-regulação (Auto-poiésis por Maturana e Varela, 2003). Vive no mundo com atuação reduzida.
	Corpo perceptor. Responde à estímulos com estímulos.	Matéria viva – mundo animal. Realidade biodinâmica de 2ª ordem	Dimensão do sensível de domínio pré- reflexivo e apropriação do mundo pela ampliação da dinâmica de interação. Subjetividade no campo do sensível.	Dinâmica colaborativa. Instintos e inatísmos. Conexão circunstancial com o mundo (Uexküll, sd). Vive no mundo com atuação ampliada.
Abertura das realidades ambitais	Corpo semântico. Sensibilidade Corpo próprio	Ação humana Consciência reflexiva.	Linguagens. Imaginação. Subjetividade semântica. Intersubjetividade. Transfiguração de realidades. Desejo de superação e transcendência. Busca de realização e estados de plenitude. Promoção de encontros. <i>Co</i> - implicação. Mundo do valor.	Cria mundos. Vive em realidades ambiais (supra- objetivas). Elabora narrativas. Toma consciência das carências, da finitude e acessa a rede de sentidos pelo ato reflexivo. Estabelece diálogo entre a essência e a forma da ação. Configura enlances existenciais. Acessa emoções e as reconhece. Cria intervalos reflexivos no tempo. Desenvolve pensamento abstrato.
SENTIDO Linguístico				
SENTIDO Significado				

Fonte: Elaborado pelo autor.

O quadro apresenta um modelo de matriz compreensiva que, de algum modo, procura desvelar a complexidade da rede de sentidos em que o *ser-motricio* habita. Pela própria natureza complexa dessa rede, é metodologicamente imprudente pensar que essa proposição, por si só é capaz de dar conta ou esgotar as análises sobre a condição de *ser-motricio*. Espero que ao menos seja capaz de cogitar e apontar aproximações iniciais com o tema de pesquisa que relaciona o *ser-motricio* com a rede de sentidos. Note

que estudar esse fenômeno é distinto de buscar caminhos para superar os dualismos compreensivos, pois parte do princípio que essa realidade dualista é ficcional, não há dualismo no mundo da vida, ou seja, na condição de *ser-motricio-mundo*, e por essa perspectiva, não há fragmentações.

O fato é que, *ser-motricio* é uma condição que o campo da Educação Física deveria compreender com excelência. Essa condição pode ser sentida a partir da própria corporeidade daqueles que realizam esse campo de atuação. E, ao assumir esse convite, vai se notar que, sempre que seus articuladores se perceberem como *seres-motricios*, atuando na rede de sentido, o mundo da realidade objetiva se transfigura, passando de uma simples realidade circunstancial para um “âmbito”, onde a práxis criadora é seu *habitat* autêntico.

A realidade ambital e a dimensão lúdico-criadora

A dimensão dos “âmbitos” ou “realidades ambitalis” trata-se de uma realidade humana que não está fechada em si, mas aberta a uma atuação e interação criadora. Os campos de realidade, que se configuram pela iniciativa criadora, estão dotados de um plano lúdico-criador que abre a realidade para muitos possíveis, para diversas direções. A ideia de realidade ambital foi desenvolvida pelo filósofo espanhol Alfonso López Quintás, ao perceber que o ser humano direciona uma série de intencionalidades e ações para além da realidade objetiva. “O homem realiza essa atividade criadora de âmbitos com outros seres humanos e com todas as realidades que possam lhe oferecer possibilidades lúdicas de qualquer ordem” (López Quintás, 2016: 30). O *ser-motricio* confunde-se com a própria ideia de realidade ambital⁷. Segue o autor afirmando que o feixe de distintas possibilidades de configuração de mundo devido à realidade ambital, por entrelaçamento, é que tornam possíveis os *encontros*. Os âmbitos, compreendidos como realidades que podem se entrelaçar, tem a peculiar capacidade de potencializar os campos de ação num sentido integrador, que suplanta aquelas próprias das realidades objetivas. De forma prática, podemos dizer que os âmbitos são campos de *possibilidades de ação com sentido*. Vale lembrar que, o estudo sobre o *ser-motricio* trata exatamente do mesmo universo compreensivo. Creio que já é possível perceber a importância que tem esse tipo de perspectiva de estudo para a área de Educação Física.

Reforçamos essa relevância, pois, é diante das realidades ambitalis que se torna possível o caráter dialógico da realização humana, assim como o conhecimento dos valores, uma vez que “todo âmbito é

⁷ Para aprofundar essa relação sugerimos a leitura do artigo: SANTOS, S.O. *Ser-motricio* e as realidades ambitalis. (2018). **Notandum**, Cemoroc-Feusp/ IJI-Univ. Porto, n. 46, jan-abr, p. 87- 98. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>>. Acesso em: 28/02/2020.

uma realidade relacional, predisposta a colaborar em experiências reversíveis, bidirecionais” (López Quintás, 2005: 73).

As experiências bidirecionais são aquelas onde há um forte caráter de reciprocidade, ou seja, quando interatuo no mundo, este indissolúvelmente também interatua comigo.

A emergente presença do outro

Na origem de toda existência humana, o outro é a condição do sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido (Le Breton, 2016:32).

Um dos mais significativos elementos da rede de sentido onde o *ser-motricio* habita é a realidade relacional. Potencializar os enlaces existenciais é um dos mais poderosos desencadeadores da ação humana. Muitos devem recordar, por exemplo, na ocasião da final de judô dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro, o momento em que a judoca Rafaela Silva vence a luta conquistando assim a medalha de ouro. Ao exato final da luta ela vai imediatamente ao encontro com o outro, (técnico, familiares, amigos e público) e declara, na sua entrevista após a conquista, a materialização de sua trajetória de superação e motivação, que não esconde a marcante presença da figura de um “outro” que, por um lado a apoiava, e por outro, precisava reconhecê-la como autêntico *ser-motricio*, digno de respeito e orgulho⁸.

A busca pelo “outro” que preenche sua rede de sentidos é, de certo modo, pré-predicativa (antes do domínio da linguagem), como podemos observar no vídeo e que uma criança, ao obter sucesso empilhando blocos, busca os adultos para encontrar neles uma reação para sua realização. Observe que antes da reação dos que o assistem, ele não projeta nenhuma emoção. Ao perceber a reação dos expectadores diante de sua ação, sua sensação de plenitude transborda⁹. O que é para um atleta olímpico, para um artista, para um professor, para uma mãe/pai, etc., entre tantas outras formas de exercer sua vocação, sem que um “outro” esteja de alguma forma “presente” na sua rede de sentidos?

O que desejo reforçar com essa exposição é que, mais do que se ocupar com as rupturas epistemológicas entre as dimensões biodinâmicas e culturais, convido a compreender o mundo da vida e nela, a rede de intencionalidades onde estão situados os *seres-motricios*.

⁸ Vídeo - Um dia dourado: relembre a medalha de ouro de Rafaela Silva. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pfevmFEYqZQ>>. Acesso em: 28/02/2020.

⁹ Vídeo - “Um bebe empilha blocos”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=w44cZw6OnHE>>. Acesso em: 28/02/2020.

Práxis educativa e a rede de sentidos

Ao adotar a rede de sentidos como um referencial para a formação do *ser-motricio*, do ponto de vista da atuação de um(a) professor(a) de Educação Física, o seu campo de atuação amplia-se sobremaneira. Além de ensinar e/ou conduzir os gestos específicos de uma determinada prática corporal será um grande doador de sentidos, articulador da relação *ser-motricio-mundo*, um emancipador da rede de sentidos daqueles ou daquele com quem interatua. Aqui defendemos a tese de que a força do sentido é que faz o *ser-motricio* agir, por isso, conhecer apenas as fontes energéticas do movimento do corpo não é suficiente para promover um ato educativo.

Atuar na rede de sentidos dos *seres-motricios* é um modo de expansão de consciências, estado tão emergente para os dias atuais. Como afirma Le Breton (2016: 27) “só aquilo que faz sentido, de maneira ínfima ou essencial, penetra o campo da consciência, suscitando assim um instante de atenção”. A consciência, se compreendida como um ato, interage com o mundo dos sentidos. Se o mundo dos sentidos na formação do *ser-motricio* é empobrecida e deficitária, a leitura das realidades, os modos relacionais, a interpretação e a capacidade de realização em estados *co-implicados* com o entorno situacional também serão reduzidas. Quanto menor é o acesso consciente da rede de sentidos que o *ser-motricio* habita, por ele mesmo e pelos outros, maior é a possibilidade de manipulação e domínio exercido sobre ele.

E então, como articular uma práxis educativa que intencionalmente acione a rede de sentidos?

- ✓ Estar muito atendo na relação entre o sentido sensível e o sentido semântico em todas as propostas apresentadas;
- ✓ Utilizar as múltiplas linguagens para acionar a rede de sentidos, especialmente os sentidos linguísticos;
- ✓ Dialogar com seus(suas) alunos(as) sobre o sentido do que estão se dispondo a realizar;
- ✓ Criar mapas de orientação dos sentidos com os(as) alunos(as). Mapas que possam indicar horizontes ou campos de atuação. Cuidar para não traçar metas esvaziadas de sentido, ou com sentidos empobrecidos, assentados em valores pouco engrandecedores;
- ✓ Amplie o leque de sentidos do que está sendo realizado. Pergunte-se sempre pela essência daquilo que está proporcionado. Busque um olhar para além da forma;

- ✓ Seja criterioso(a) com os termos e as linguagens que utiliza para comunicar ideias e intenções. Cada termo, cada palavra carrega em si um campo de sentido. É preciso ter clareza conceitual profunda para não ficar reproduzindo terminologias incoerentes epistemologicamente;
- ✓ Não registre somente dados empíricos dos(as) alunos(as), mas também narrativas sobre o que se está vivenciando no encontro das aulas;
- ✓ Exercite com os(as) alunos(as) a leitura crítica das realidades. A práxis educativa exige um constante exercício hermenêutico;
- ✓ Apoie-se sempre em características próprias da corporeidade humana, aquelas que um sistema algoritmo não alcança como: a ludicidade, a criatividade, o encantamento, a admiração, o desejo de superação, a inteligência presencial e consciente, a busca por estados de plenitude e realização, os valores e virtudes dos atos intencionais; a compreensão de si mesmo, o afeto, a solicitude, a noção de pertencimento, a noção de identidade;
- ✓ Reforçar a relação indissociável corporeidade-mundo-vida;
- ✓ Criar ambientes propícios ao mergulho nas realidades ambiais e, com isso, promover autênticos encontros.¹⁰

Considerações finais

Mesmo de forma breve, e por que não dizer superficial, creio que o ensaio apontou um caminho que fortalece a tese de que há muito mais beleza no mover humano do que estamos sendo capazes de acessar, interpretar, compreender e admirar. Parte dessa inacessibilidade é um reflexo das diversas vertentes explicativas e compreensivas que se ocupam da Educação Física e não do fenômeno em que ela se vincula.

Espero que as reflexões propostas nesse ensaio não sejam vistas como mais uma dessas vertentes, mas, quem sabe, outro horizonte compreensivo. Muitos dos trabalhos que venho realizando estão sendo nutridos por essa perspectiva e sigo curiosamente imerso na tarefa de desvelar essa magnífica rede de sentidos onde o *ser-motricio* habita. Seja mais um(a) curioso(a) a se juntar a essa jornada!!!

¹⁰ Para o aprofundamento do conceito de âmbito, entre outros temas que revelam um aporte significativo para uma antropologia da ação, sugiro a leitura da obra: LÓPEZ QUINTÁS, A. (2004) **Inteligência criativa**: a descoberta pessoal dos valores. São Paulo: Paulinas.

Referências

- DAMÁSIO, A. R. (1996). **O erro de descartes: emoção, razão e cérebro humano**. São Paulo: Companhia da Letras.
- LE BRETON, D. (2016). **A antropologia dos sentidos**. Petrópolis, RJ: Vozes.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. (2004). **Inteligência criativa: a descoberta pessoal dos valores**. São Paulo: Paulinas.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. (2005). **Descobrimo a grandeza da vida: introdução a pedagogia do encontro**. São Paulo: ESDC.
- LÓPEZ QUINTÁS, A. (2016). **O conhecimento dos valores: introdução metodológica**. São Paulo: É Realizações.
- MATURANA, H; VARELA, F. (2003). **De máquinas y seres vivos/autopoiesis: la organización de lo vivo**. Buenos Aires: Lumen.
- MERLEAU PONTY, M. (2011). **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes.
- PEREIRA, A.M. (2016). **Motricidade Humana: a complexidade e a práxis educativa**. Tese de doutorado em Ciências do Desporto. Universidade Beira Interior, Covilhã, Portugal.
- SANTOS, S. *O ser-motricio*. (2017). **International Studies on Law and Education**, Cemoroc-Feusp / IJI-Univ. do Porto, n. 27 set-dez, p. 37-48. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/isle27/37-48Sergio.pdf>>. Acesso em: 02/02/2020.
- SANTOS, S. O. *Ser-motricio e as realidades ambitais*. (2018). **Notandum**, Cemoroc-Feusp/ IJI-Univ. Porto, n. 46, jan-abr, p. 87- 98. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/notand46/7sergiof.pdf>>. Acesso em: 28/02/2020.
- SANTOS, S. O. (2020). Vida adulta e motricidade: nuances bidirecionais dos modos de ser-no-mundo. **Convenit Internacional**, n. 34, Cemoroc-Feusp, set-dez, p. 1-20. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/convenit34/SergioOSantos.pdf>>. Acesso em: 28/02/2020.
- TORO, S.; TRIGO, E.; GENÚ, M.; SÉRGIO, M. (2014). **Motricidad humana: una mirada retrospectiva**. España – Colombia: Instituto Internacional del Saber – Léeme 2.
- TRIGO, E. (coord.) (2015). **Pensar y transformar: un legado de Manuel Sérgio**. España – Colombia: Instituto Internacional del Saber – Léeme 18.
- UEXKÜLL, J. V. (sd). **Dos animais e dos homens**. Lisboa: Edição Livros do Brasil.